

## Pronomes (possessivos e demonstrativos)

### Resumo

---

#### Pronome Possessivo

Enquanto os pronomes pessoais apenas indicam as pessoas gramaticais, os possessivos indicam essas pessoas para marcar posse. Eles apresentam formas correspondentes à pessoa a que se referem. Observe o quadro:

		Um possuidor		Vários possuidores	
		Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
1ª pessoa	masculino feminino	meu minha	meus minhas	nosso nossa	nossos nossas
2ª pessoa	masculino feminino	teu tua	teus tuas	vosso vossa	vossos vossas
3ª pessoa	masculino feminino	seu sua	seus suas	seu sua	seus suas

- O emprego da 3ª pessoa do singular ou do plural pode gerar ambiguidade em uma frase por conta da dúvida a respeito do possuidor. Para evitar qualquer ambiguidade, a língua portuguesa nos oferece precisar o possuidor com a utilização das formas: dele(s), dela(s), de você(s), do(s) senhor(es), da(s) senhora(s), entre outras expressões.
- OBS! Para reforçar a ideia de posse visando à clareza e à ênfase, costumam-se utilizar as palavras: próprio, mesmo. Por exemplo: Era ela mesma; eram os **seus mesmos braços**.

A propósito, vale destacar que "mesmo" e "próprio" não devem ser usados isolados, mas como acompanhantes de um substantivo ou de outro pronome.

Durante séculos, a riqueza brasileira dependia da exploração de matérias-primas. Devido à falta de investimento em tecnologias, o mesmo se repete na atualidade. → uso INADEQUADO

Durante séculos, a riqueza brasileira dependia da exploração de matérias-primas. Devido à falta de investimento em tecnologias, o mesmo processo se repete na atualidade. → uso ADEQUADO

1. Definição: São pronomes utilizados para indicar posição de algo (no espaço, no tempo ou no discurso) em relação às pessoas do discurso.

1º pessoa	2º pessoa	3º pessoa
Esta(s), este(s), isto	Esse(s), essa(s), isso	Aquele(s), Aquela(s), Aquilo

2. Funções

a) No tempo

**Este** ano está perfeito. (presente)

**Esse** ano foi/será perfeito. (passado ou futuro próximo)

**Aquele** ano foi perfeito. (passado remoto)

b) No espaço

**Este** é meu carro. (próximo de quem fala)

**Esse** é meu carro. (próximo do interlocutor)

**Aquele** carro é meu. (distante do emissor e do interlocutor)

c) No texto

Referência a termos precedentes

O pronome “esse” e suas variações, assim como o “isso”, podem atuar anaforicamente, retomando algo que já foi dito. O pronome “este” e suas variações e o “isto” atuam cataforicamente, fazendo referência a algo que ainda será mencionado.

Exemplo: A violência é o principal problema do Rio de Janeiro. **Isso** deve ser combatido.

**Este** é principal problema do Rio de Janeiro: a violência.

Quando queremos fazer alusão a dois termos já citados, utilizamos “aquele” e suas variações para o primeiro termo e “este” e suas variações para o último.

Exemplo:

João e Roberto trabalham na empresa. **Aquele** (João) é gerente, **este** (Roberto), secretário.

---

Quer ver este material pelo Dex? Clique [aqui](#)

## Exercícios

1.



Considerando as frases a seguir:

I. "Minha nova bolsa da Luiz Vitão".

II. "Pelo tamanho, deve caber todos os seus sonhos".

- a) Na frase II, "tamanho" é um pronome demonstrativo, pois substitui o substantivo "bolsa".
- b) Na frase II, segundo a norma padrão, é inadequada a concordância de número entre o sujeito e o verbo.
- c) Na frase I, as palavras "nova" e "minha" são, respectivamente, advérbio e pronome.
- d) Na frase I, é inadequada a concordância do pronome possessivo com o substantivo "Luiz Vitão".
- e) Na frase II, o pronome "seus" faz referência a um terceiro personagem que não aparece na tira.

2.

**Os donos da comunicação**

Os presidentes, os ditadores e os reis da Espanha que se cuidem porque os donos da comunicação duram muito mais. Os ditadores abrem e fecham a imprensa, os presidentes xingam a TV e os reis da Espanha cassam o rádio, mas, quando a gente soma tudo, os donos da comunicação ainda tão por cima. Mandam na economia, mandam nos intelectuais, mandam nas moças fofinhas que querem aparecer nos shows dos horários nobres e mandam no *society* que morre se o nome não aparecer nas colunas. Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos "veículos" deles. Isso é assim aqui, na Bessarábia e na Baixa Betuanalândia. Parece que é a lei. O que também é muito justo porque os donos da comunicação são seres lá em cima. Basta ver o seguinte: nós, pra sabermos umas coisinhas, só sabemos delas pela mídia deles, não é mesmo? Agora vocês já imaginaram o que sabem os donos da comunicação que só deixam sair 10% do que sabem? Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação. Aí tua revolução fica xifrim, teu terrorismo sai em corpo e se você morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas.

(Millôr Fernandes. *Que país é este?*, 1978.)

No último período do texto, a discrepância dos possessivos *teu* e *tua* (segunda pessoa do singular) com relação ao pronome de tratamento *você* (terceira pessoa do singular) justifica-se como:

- a) possibilidade permitida pelo novo sistema ortográfico da língua portuguesa.
- b) um modo de escrever característico da linguagem jornalística.
- c) emprego perfeitamente correto, segundo a gramática normativa.
- d) aproveitamento estilístico de um uso do discurso coloquial.
- e) intenção de agredir com mau discurso os donos da comunicação.

### 3. Inimigo oculto

dizem que

em algum ponto do cosmos

(Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie)\*

um pedaço negro de rocha

do tamanho de uma cidade

- voa em nossa direção -

perdido em meio a muitos milhares de asteroides

impelido pelas curvaturas do

espaço-tempo

extraviado entre órbitas

e campos magnéticos

voa

em nossa direção

e quaisquer que sejam os desvios

e extravios

de seu curso

deles resultará

matematicamente

a inevitável colisão

não se sabe se quarta-feira próxima

ou no ano quatro bilhões e cinquenta e dois

da era cristã

Ferreira Gullar

\*(O silêncio eterno desses espaços infinitos me assusta)

Identifique a opção que apresenta a explicação adequada para o efeito de sentido resultante do uso linguístico especificado.

- a) Nos versos “um pedaço negro de rocha” / “voa em nossa direção” (versos 4-6), o uso do pronome possessivo “nossa” rompe o vínculo entre o eu lírico e os leitores.
- b) Em “dizem que” (verso 1), a expressão do sujeito gramatical, na terceira pessoa do plural, sem antecedente textual claro, evidencia que o eu lírico se vale de uma outra voz para expressar o fato.
- c) Nos versos “e quaisquer que sejam os desvios / e extravios / de seu curso” (versos 14-16), o pronome possessivo “seu” se reporta ao verso “em algum ponto do cosmos”. (verso 2)
- d) O apagamento do objeto direto oracional em “não se sabe se” (verso 20) inviabiliza a referência a “inimigo oculto”. (título)
- e) A combinação da preposição “de” com o pronome “eles”, empregado como pronome possessivo em “deles resultará” (verso 17), encaminha textualmente as consequências das “curvaturas do espaçotempo”. (versos 8-9)

4. Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake\* sabia **disso** e afirmou: “A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê”. Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo. Adélia Prado disse: “Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra”. Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.

(Rubem Alves. A complicada arte de ver. Folha de S.Paulo, 26.10.2004)

\* William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês. Autor dos livros de poemas *Song of Innocence* e *Gates of Paradise*.

A respeito do pronome ‘disso’, sublinhado no texto, pode-se dizer que é um:

- a) possessivo de segunda pessoa e se refere ao conteúdo do parágrafo anterior.
- b) demonstrativo combinado com prefixo e se refere aos ipês floridos citados a seguir.
- c) demonstrativo masculino de segunda pessoa e se refere ao poeta William Blake.
- d) demonstrativo neutro que tem como referência a última frase do parágrafo anterior.
- e) possessivo neutro e se refere a Moisés diante da sarça ardente.

5.

**Convivas de boa memória**

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou a língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem boa memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes, e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

(ASSIS, de Machado. Dom Casmurro - Editora Scipione - 1994 - pág 65)

A palavra sublinhada em "...mas isso mesmo pode ser olvido e confusão" se refere:

- a) À precária memória do narrador.
- b) Às pessoas que viveram em hospedarias.
- c) À vida dos convivas.
- d) Às pessoas que passam a vida na mesma casa de família.
- e) Ao narrador não se lembrar da cor das calças.

6.

I. Citar pessoas que sejam autoridades reconhecidas em determinada matéria é um recurso excelente para dar ainda mais credibilidade ao orador. Fácil deduzir.

Se você faz palestra sobre gestão e cita, por exemplo, uma frase de Peter Drucker, que corresponde à sua forma de pensar, terá grande chance de fortalecer ainda mais a credibilidade da sua mensagem.

Por isso, as citações precisam ser de pessoas que tenham inquestionável autoridade sobre o tema apresentado. Se a autoridade de quem foi citado é contestada por uma parte do público, haverá risco de quem o citou também ser contaminado por essa resistência.

No exemplo acima, alguém poderia até não concordar com Peter Drucker, mas dificilmente contestaria a autoridade dele.

Obs.: Peter Ferdinand Drucker (1909-2005), escritor, professor e consultor administrativo de origem austríaca; é considerado o pai da administração moderna, tida por ele como a ciência que trata sobre pessoas nas organizações.

(POLITO, Reinaldo. Citar pessoas num discurso..., [economia.uol.com.br](http://economia.uol.com.br). 21/04/2016) II 1 5 10

II. O argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese. Para nós [...], o argumento de autoridade é de extrema importância e, embora sempre seja permitido, numa argumentação particular, contestar-lhe o valor, não se pode, sem mais, descartá-lo como irrelevante, salvo em casos especiais [...]. O espaço do argumento de autoridade na argumentação é considerável.

(PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 348)

É correta a seguinte afirmação:

- a) Em “é um recurso excelente para dar ainda mais credibilidade ao orador” (I), o uso da palavra “ainda” constitui pleonismo, pois não acrescenta traço de sentido algum ao já expresso por mais.
- b) Em “Se você faz palestra sobre gestão e cita, por exemplo, uma frase de Peter Drucker, que corresponde à sua forma de pensar” (I), tem-se exemplo de emprego do pronome possessivo que prejudica a clareza da frase.
- c) Em “haverá risco” (I), o emprego da forma verbal respeita as normas da gramática; se o enunciado fosse outro – “poderão haver riscos” – existiria também correção gramatical.
- d) Em II (linha 2), a substituição de “o qual” por “cujo” mantém a correção e o sentido originais.
- e) Em II (linha 8), a retirada da vírgula que antecede a expressão “sem mais” mantém a correção da frase e preserva o sentido original.

## 7.

### Lanchinho de avião

A comissária de bordo pede para afivelarmos os cintos e desligarmos os celulares. O comandante avisa que a decolagem foi autorizada, a aeronave ganha velocidade na pista e levanta voo. Pela janela, São Paulo vira um paliteiro de prédios espetados um ao lado do outro. Um pouco mais à frente, a periferia inchada, com ruas tortuosas e casas sem reboque, abraça o centro da cidade como se fosse esganá-lo.

Em poucos minutos, ouve-se um som agudo, sinal de que os computadores podem ser ligados. Junto à porta de entrada, as comissárias se levantam e preparam o carrinho de lanches. De fileira em fileira, perguntam o que cada passageiro deseja beber. No carrinho, acotovelam-se latas de refrigerantes, a garrafa de café e uma infinidade de pacotes de sucos mais doces do que o sorriso da mulher amada. O rapaz à minha direita prefere suco de manga; o da esquerda quer um de pêssego. Agradeço, não quero nada. A moça estranha: “Nada, mesmo?”.

Em seguida, ela nos estende a mão que oferece um objeto ameaçador, embrulhado em papel branco. Em seu interior, um pão adocicado cortado ao meio abriga uma fatia de queijo e outra retirada do peito de um peru improvável. No reflexo, encolho as pernas. Se, porventura, um embrulho daqueles lhe escapa da mão e cai em meu pé, adeus carreira de maratonista. [...]

O comandante informa que em Belo Horizonte o tempo é bom e que nosso voo terá duração de 40 minutos. São dez e meia, é pouco provável que os circunstantes tenham saído de casa em jejum. O que os leva a devorar no meio da manhã 500 calorias adicionais, com gosto de isopor? Qual é o sentido de servir comida em voos de 40 minutos?

Cerca de 52% dos brasileiros com mais de 18 anos sofrem com o excesso de peso, taxa que nove anos atrás era de 43%. Já caíram na faixa da obesidade 18% de nossos conterrâneos. Os que visitam os Estados Unidos ficam chocados com o padrão e a prevalência da obesidade. Lá, a dieta e a profusão de alimentos consumidos até em elevadores conseguiram a proeza de engordar todo mundo; não escapam japoneses, vietnamitas nem indianos.

As silhuetas de mulheres e homens com mais de 120 quilos pelas ruas e shopping centers deixam claro que existe algo profundamente errado com os hábitos alimentares do país. Nossos números mostram que caminhamos na esteira deles. Chegaremos lá, é questão de tempo; pouco tempo.

A possibilidade de ganharmos a vida sentados na frente do computador, as comodidades da rotina diária e a oferta generosa de bebidas e alimentos industrializados repletos de gorduras e açúcares, que nos oferecem a toda hora, criaram uma combinação perversa que conspira para o acúmulo de gordura no corpo.

Os que incorporaram as 500 calorias em excesso no caminho para Belo Horizonte só o fizeram porque o lanche lhes foi servido. Milhões de anos de evolução, num mundo com baixa disponibilidade de recursos, ensinaram o corpo humano a comer a maior quantidade disponível a cada refeição, única forma de sobreviver aos dias de jejum que fatalmente viriam.

Engendrado em tempos de miséria, o cérebro humano está mal adaptado à fartura. A saciedade à mesa só se instala depois de ingerirmos muito mais calorias do que as necessárias para cobrir os gastos daquele dia. A seleção natural nos ensinou a não desperdiçá-las, o excesso será armazenado sob a forma de gordura.

O tecido gorduroso não é um reservatório inerte; produz hormônios, libera mediadores químicos que interferem com o metabolismo e o equilíbrio entre fome e saciedade. E, o mais grave, dá origem a um processo inflamatório crônico que aumenta o risco de doenças cardiovasculares, diabetes, vários tipos de câncer e de outros males que infernizam e encurtam a vida moderna.

Por essas e outras razões, caríssimo leitor, é preciso olhar para a comida como fazemos com a bebida: é bom, mas em excesso faz mal.

**Dráuzio Varella**

A palavra “o”, grifada nas sentenças a seguir, tem uso equivalente ao de um pronome demonstrativo em:

- a) O que **os** leva a devorar no meio da manhã 500 calorias adicionais, com gosto de isopor?
- b) Os que incorporaram as 500 calorias em excesso no caminho para Belo Horizonte só **o** fizeram porque o lanche lhes foi servido.
- c) As silhuetas de mulheres e homens com mais de 120 quilos pelas ruas e shoppings centers deixam claro que existe algo profundamente errado com **os** hábitos alimentares do país.
- d) E, **o** mais grave, dá origem a um processo inflamatório crônico que aumenta o risco de doenças cardiovasculares, diabetes, vários tipos de câncer e de outros males que infernizam e encurtam a vida moderna.



**8. Como as grandes cidades afetam a qualidade de vida**

Uma pesquisa do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) foi a fundo para saber que tipo de pane as grandes cidades provocam no cérebro de quem habita esse cenário. Batizado de São 'Paulo Megacity, o estudo foi feito com mais de 5 mil moradores da região metropolitana da capital paulista. Os resultados revelam: quase 30% dos participantes apresentam transtornos psicológicos. O trabalho, vencedor do Prêmio SAÚDE 2012 na categoria Saúde Mental e Emocional, é parte de um grande levantamento feito em 24 países. E, na opinião da psiquiatra Laura Helena Silveira Guerra de Andrade, responsável pelo projeto por aqui, ele serve de modelo – e de alerta – para outros aglomerados com mais de 10 milhões de habitantes, incluindo cidades brasileiras que se aproximam dessa dimensão. “Constatamos que, nelas, as mulheres têm mais distúrbios de ansiedade e humor, enquanto homens ficam propensos a problemas de controle de impulso e abuso de drogas”, resume a médica. A vulnerabilidade feminina tem explicação sobretudo em dois fatores. Um deles, aponta Wang Yuan Pang, psiquiatra integrante do SP Megacity, está na oscilação hormonal. O outro, no excesso de responsabilidade. O perrengue com as contas no fim do mês engrossa a lista de responsáveis pela fragilidade mental. “Quando o desemprego é alto, sem renda para o sustento familiar, o risco de compensar a angústia no álcool e nas substâncias ilícitas se amplia”, explica Pang. “Além disso, muita gente vive em áreas de privação, com infraestrutura precária e graves problemas de marginalização, o que também contribui para esse quadro”, acrescenta.

Disponível em <http://mdemulher.abril.com.br/bem-estar/reportagem/viver-bem/comograndes-cidades-afetam-qualidade-vida-735567.shtml>

Releia o seguinte trecho do texto: “(...) provocam no cérebro de quem habita esse cenário.”

O pronome demonstrativo sublinhado é usado para recuperar o seguinte termo

- a) “tipo de pane.”
- b) “no cérebro.”
- c) “as grandes cidades.”
- d) “Uma pesquisa.”

**9.****TEXTO I****Energias renováveis: o vento tem a resposta**

As usinas eólicas são as que mais crescem no mundo – mas falta ainda torná-las baratas. No Brasil, o potencial é de dez Itaipus.

*Revista Veja. 30 dez. 2009*

**TEXTO II****Propaganda: vende-se mobilização**

Chocar com anúncios vale para divulgar uma marca, mas serve também de ativismo em nome das boas causas ambientais.

*Revista Veja. 30 dez. 2009*

Dadas as proposições seguintes:

- I. Os dois pontos, presentes nos títulos, poderiam ser substituídos por vírgula sem alteração de sentido.
- II. Em: "... são as que mais crescem..." (1º subtítulo), o vocábulo destacado é um pronome demonstrativo.
- III. Em: "... vende-se mobilização" (2º título) tem-se a forma passiva analítica.
- IV. Se, no 2º título, trocássemos a palavra "mobilização" por "mobilizações", a forma verbal continuaria sem flexão.

Verifica-se que:

- a) todas são verdadeiras.
- b) apenas I e II são verdadeiras.
- c) apenas I, II e III são verdadeiras.
- d) apenas II, III e IV são verdadeiras.
- e) apenas III e IV são verdadeiras.

## Gabarito

---

1. **B**

O pronome “seus” faz referência à proprietária da bolsa, o que invalida as demais opções, que por si só apresentam afirmações erradas.

2. **D**

É comum no discurso coloquial que os pronomes relacionados às ocorrências de “tu” e “você” se mesclam. “Teu” e “tua” são referentes ao pronome “tu”.

3. **B**

Apenas o que se afirma em “B” é correto. Os pronomes possessivos “nossa” e “seu” não são corretamente analisados em “A” e “C”.

4. **D**

O pronome “disso” é anafórico e resumitivo, se referindo ao que foi mencionado anteriormente e englobando todo o sentido já exposto.

5. **E**

“Isso” é anafórico e resumitivo, se referindo ao que foi mencionado anteriormente e englobando todo o sentido já exposto.

6. **B**

O pronome “sua” gera ambiguidade na frase, podendo se referir ao interlocutor ou a Peter Drucker.

7. **B**

Na primeira sentença, “os” é pronome pessoal do caso oblíquo substituindo o objeto direto do verbo “levar”; na terceira sentença, “os” é artigo definido e está determinando o substantivo “hábitos”; na quarta sentença, “o” é artigo definido e está determinando “mais grave”.

8. **C**

O pronome demonstrativo “esse” retoma o sentido de “grandes cidades” para contextualizar e evitar a indesejável repetição de termos iguais dentro de um período curto, porque o cenário a que se refere é o das grandes cidades.

9. **B**

A proposição III é falsa porque em “vende-se mobilização” tem-se a forma passiva sintética, pois esta é construída a partir do verbo na terceira pessoa + partícula apassivadora “se”, como observado em “vende-se”. Já a proposição IV é falsa porque caso a palavra “mobilização” estivesse no plural seria necessário mudar a flexão verbal: “vendem-se mobilizações”.